



**JINNY KELLY CENTENO RAMOS**

**O DISCURSO DO RISO COMO MANUTENÇÃO DO  
ESTEREÓTIPO MATERNO**

**LAVRAS-MG**

**2019**

**JINNY KELLY CENTENO RAMOS**

**O DISCURSO DO RISO COMO MANUTENÇÃO DO ESTEREÓTIPO  
MATERNO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciatura.

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

Orientador

**LAVRAS – MG**

**2019**

**JINNY KELLY CENTENO RAMOS**

**O DISCURSO DO RISO COMO MANUTENÇÃO DO ESTEREÓTIPO  
MATERNO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciatura.

Dra. Luciana Soares da Silva (UFLA)

Mestrando Júlio César Neves (UFSJ)

Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

Orientador

**LAVRAS – MG**

**2019**

*À minha irmã, Julie, sol da minha vida, dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

À medicina sagrada da floresta, ayahuasca, que me despertou e me ensinou sobre ciclos e passagens. Minha infinita gratidão a natureza e ao universo pelo amor e pela oportunidade!

Ao Professor Dr. Márcio Cano. Minha admiração por você vai muito além do âmbito acadêmico. Sou profundamente grata pela orientação, pela paciência, pela amizade e principalmente por me ajudar a trilhar um caminho cada vez mais consciente.

Aos amigos que me apoiaram nessa jornada estranhamente prazerosa. Patrícia, Larissa, Gabriela, Dayane, Igor, Luan, Sophia, Ananda, Hully, Deborah, e Bruno obrigada por dividirem essa fase comigo. Amo vocês!

À república Doce Deleite, especialmente Bia, Susana, Mari, Dábia, Júlia, Gabi, Ane, Jonathan e Aliny que foram uma família para mim. Devido a vocês eu chamo Lavras de lar. Amo vocês!

À minha mãe, por tudo. Eu não estaria aqui se não fosse por seu apoio. Espero ser uma professora, mãe e mulher tão incrível quanto você é. Te amo!

À minha sobrinha que há dez anos ilumina e aquece meu coração. Nosso amor é luz. Tudo que sou e faço também é para você, é por você.

Ao meu pai Jean por me ensinar a questionar e explorar o mundo. Você sempre soube que eu podia voar, gratidão pelo incentivo, amor e amizade. Te amo infinito.

Ao meu grande amor, Tutu. Somos conexão. É dessa forma que os nós se mantêm no universo. É dessa forma que nós nos mantemos juntos. Te amo mil milhões de anos luz.

**Muito obrigada!**

## RESUMO

O trabalho ocupa-se da análise de memes em uma matéria da revista online Pais&filhos com o escopo de verificar a manifestação do discurso do riso como ferramenta de manutenção do estereótipo materno. Tendo em vista que a maternidade é construída de modo idealizado por meio de elementos que remetem à delicadeza, ao cuidado e à responsabilidade, procuramos compreender relação interdiscursiva entre o discurso do riso e o discurso midiático, considerando as condições sócio-históricas que possibilitam que a mulher-mãe seja representada na mídia como o exemplo a ser seguido em relação ao cuidado de filhos. A partir disso, averiguamos quais são os traços que compõem o discurso do riso em memes em que a atuação de mães e de pais são colocadas em comparação. Além disso, investigamos como a comicidade se estrutura na representação dos pais como sujeitos distraídos e incapazes de cuidar de crianças com seriedade. Para tanto, admite-se como referencial teórico Maingueneau (2007), para embasar os conceitos da Análise do Discurso, bem como Bergson (2007) Propp (1992) Goffiman (1959) e Bandinter (1985) que sustentarão a discussão acerca dos discursos do riso, de estereótipos e de gênero, os quais são evocados na cenografia das imagens. Desse modo, a realização dessa pesquisa contribui para uma leitura crítica em relação ao discurso do riso e da mídia, além de oferecer ferramentas para reconhecer os aspectos envolvidos no processo de conservação dos papéis sociais.

**Palavras chaves:** Análise do discurso. Discurso do riso. Estereótipo materno.

## **ABSTRACT**

The paper addresses the analysis of memes in a matter of the online magazine Pais&filhos with the scope to verify the manifestation of the discourse of laughter as a tool of maintenance of the maternal stereotype. Considering that motherhood is constructed in an idealized way through elements that convey delicacy, care and responsibility, we seek to understand the interdiscursive relationship between the discourse of laughter and the media discourse, considering the socio-historical conditions that allow the woman-mother to be represented in the media as the example to be followed in relation to the care of children. From this, we find out what are the traits that make up the discourse of laughter in memes in which the performance of mothers and fathers are compared. In addition, we investigate how comedy is structured in the representation of parents as distracted subjects and unable to take care of children seriously. To that end, Maingueneau (2007) theoretical reference is used to support the concepts of Discourse Analysis, as well as Bergson (2007), Goffiman (1959) and Bandinter (1985), who will sustain the discussion about the discourses of laughter, stereotypes and gender, which are evoked in the scenography of the images. Thus, this research contributes to a critical reading of the discourse of laughter and the media, as well as offering tools to recognize the aspects involved in the process of preserving social roles.

**Keywords:** Discourse Analysis. Discourse of laughter. Maternal stereotype.

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. Introdução .....</b>                             | <b>9</b>  |
| 2. Início da análise do discurso .....                 | 10        |
| 3. Interdiscurso .....                                 | 11        |
| 3.1 Discurso do riso .....                             | 14        |
| 3.2 Discurso midiático .....                           | 16        |
| <b>4. Cenas Enunciativas.....</b>                      | <b>18</b> |
| 4.1 Estereótipos.....                                  | 19        |
| <b>5. Metodologia .....</b>                            | <b>21</b> |
| <b>6. Condições sócio-históricas de produção .....</b> | <b>24</b> |
| 6.1 Gênero e Maternidade.....                          | 24        |
| <b>7. Análise.....</b>                                 | <b>26</b> |
| <b>8. Considerações finais .....</b>                   | <b>36</b> |
| <b>9. Referências .....</b>                            | <b>37</b> |



## 1. Introdução

Nosso estudo se encaminha através do projeto “Estratégias de leitura e produção do discurso midiático”, inserido no grupo de pesquisa “Leitura e produção de discurso” (UFLA/CNPQ). Por meio das discussões do grupo, o presente trabalho analisa a manifestação do discurso do riso em *memes* publicados, em uma matéria da revista Pais&filhos, que comparam comportamentos de pais e mães em relação ao cuidado dos filhos.

Apesar de alguns avanços, a aceitação social da mulher ainda depende de uma série de representações a serem seguidas, e o ideal materno aparece como um poderoso elemento para corresponder às expectativas impostas ao gênero feminino. Nesse sentido, acreditamos na importância de reconhecer os mecanismos que possibilitam a existência de discursos em que a imagem da mulher vem sempre associada a aspectos de delicadeza, responsabilidade e sensibilidade. Com isso, se faz necessário averiguar e questionar os estereótipos de gênero historicamente construídos que estão atrelados à noção de maternidade hoje.

Percorremos um caminho sócio-histórico cultural para compreender as condições de produção do discurso do riso incorporado ao discurso midiático. Identificamos os traços que compõem o discurso do riso, tendo em vista que o risível se dá a partir de relações humanas organizadas por meio de convenções sociais, que determinam as melhores formas de agir em diferentes situações. Desse modo, a presença do riso surge como uma correção, rimos de algo que consideramos inadequado a sociedade e o riso é como um aviso de que algo está fora de seu lugar pré-estabelecido. A partir disso, verificamos como o discurso do riso e o discurso midiático estabelecem uma relação interdiscursiva em que os discursos de gênero e estereótipos são revelados como parte de um mecanismo que mantém os cenários sociais.

O trabalho se divide em três etapas, sendo a primeira, o referencial teórico em que são apresentados os conceitos da Análise do Discurso que irão respaldar a discussão e análise. Buscamos, nesta etapa, elucidar algumas noções de interdiscurso, discurso do riso e discurso midiático. A segunda etapa consiste em um processo metodológico pautando-se em considerações sobre cenografia e estereótipos para identificarmos as marcas de posicionamento da revista Pais&filhos a partir de suas respectivas cenas

enunciativas. Por fim, como última etapa, é feita a análise de oito memes em que o riso é evocado como um aviso que de forma aparentemente leve e despretensiosa, aponta o lugar inadequado que o pai se encontra quando tenta participar de um cenário que não é dele, o de cuidador. Com isso, é reforçado também o lugar da mãe, visto que ela é sempre representada atuando da maneira adequada em relação a concepção social de cuidado.

Pretende-se, com este trabalho, apresentar uma proposta de análise que questione e explore o discurso do riso através do discurso midiático, contribuindo para a construção de processos de leitura a partir de um olhar mais crítico diante da mídia e da comicidade. E especialmente em relação ao papel da mulher-mãe, buscamos apontar os traços patriarcais envolvidos na maternidade ideal imposta ao gênero feminino e verificar como o discurso do riso se estrutura na mídia como ferramenta de manutenção dos papéis sociais.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1 Início da análise do discurso**

Embora distante de considerar os processos sócio-históricos que possibilitam a produção de discursos, a AD se inicia a partir da década de 1960. Como precursores das teorias sobre o discurso estariam os formalistas russos, que viram no texto algo além da abordagem filológica e impressionista (BRANDÃO, 2004), ainda assim a exterioridade do texto não era uma questão a ser ponderada, os sentidos eram construídos somente a partir do próprio texto. Mais adiante surgem trabalhos determinantes para trajetória da AD sendo eles os estudos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre a enunciação e de Harris que mostra a possibilidade de analisar o texto além das frases.

Para Brandão (2004), o trabalho de Harris pode ser considerado um marco inicial para a Análise do Discurso, mas sua obra ainda apresenta uma percepção restrita ao texto, constituindo uma simples extensão da linguística apresentando uma análise transfrástica da língua. Segundo a autora, Benveniste apresenta um panorama mais amplo e considera a o sujeito no processo de enunciação, procurando verificar de que forma essa relação influi no texto.

É possível notar no trajeto da AD uma heterogeneidade de posicionamentos em relação ao que é designado de discurso, já que a AD se desenvolve de maneira diferente nos Estados Unidos, França e Inglaterra e, apesar de compartilharem o mesmo espaço de pesquisa e o mesmo objeto de estudo, as abordagens direcionam-se para diferentes sentidos. Contudo, não iremos percorrer todos os caminhos existentes na trajetória da AD em diferentes espaços.

No sentido dessa pesquisa, é fundamental destacar o filósofo Michel Pêcheux que conta com a noção do eu e do Outro na psicanálise de J. Lacan, e no marxismo do filósofo L. Althusser para compreender as relações de poder no discurso político, visto que, na época, os estudos eram voltados para o discurso de classes com o objetivo de construir um processo de interpretação que levasse à consciência de classe. Isso possibilitou grandes avanços para os estudos de AD e colaborou para uma consolidação desse espaço de pesquisa. Outro nome influente para o estudo do discurso é Michel Foucault o qual apresenta conceitos, não necessariamente voltado para linguística, mas que estudam o sujeito e sua relação com a sociedade e que contribuíram para a noção de “Formação Discursiva” desenvolvida por Pêcheux.

Nesse sentido, a definição de discurso passa a ser ampliada, o discurso se instaura como processo ideológico, algo além da língua concreta, que coexiste com outros discursos. E ao passo em que os estudos discursivos se diversificam para além do discurso político desenvolvido por Pêcheux, surgem diferentes concepções possíveis.

Assim, cabe ao pesquisador averiguar qual perspectiva é viável sem deixar de considerar as condições de produção, visto que a AD trata-se de um campo que a relação entre língua e ideologia é materializada no discurso. Isto é, o discurso é moldado por um processo sócio histórico que possibilita um espaço para diferentes enunciados. Nesse trabalho, teremos como suporte, principalmente, os pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau que apresentam uma relação entre as ciências da linguagem e as ciências sociais ao analisar as conjunturas de enunciabilidade, as quais estabelecem regras que definem a especificidade de uma enunciação, determinando lugares sociais e orientando modos de dizer.

### **3. Interdiscurso**

Dado que o discurso é um processo de interação contínua, Maingueneau (2008) apresenta o interdiscurso como uma atmosfera mais ampla, a qual se constitui conforme as diversas formações discursivas e, a relação que elas estabelecem, que determinam modos de dizer em determinados contextos. Diante a amplitude do termo, desenvolvemos a análise do interdiscurso a partir da seguinte tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo.

O Universo Discursivo é o “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35). Ou seja, existe uma luta constante por espaço entre diversas formações discursivas e é na interação entre elas que esse espaço vai sendo definido e os sujeitos discursivos vão se constituindo. Ademais, o universo discursivo é considerado um conjunto finito que não pode ser apreendido em sua globalidade, visto que envolve as inúmeras formações discursivas. Portanto, tem pouca função para o analista, já que somente delimita uma fronteira em relação ao(s) discurso(s).

Entende-se por campo discursivo, formações discursivas com a mesma função social que se encontram em concorrência. É dentro do campo discursivo, por meio das relações entre as formações discursivas, que o discurso se constitui. Ou seja, certas regularidades que se constroem devido ao contexto sócio-histórico estabelecem um determinado campo discursivo, o qual se delimita a partir da relação com outros campos discursivos. A demarcação dos campos não é evidente, ela acontece de modo recíproco entre eles.

O espaço discursivo corresponde a um subconjunto de formação discursiva que o analista julgue relevante colocar em comparação a partir de um saber histórico. Cria-se uma associação entre subconjuntos a partir das formações discursivas em comum, possibilitando identificar elementos essenciais que permitem a sobreposição de um ou mais discurso sobre outros mediante as restrições semânticas. Com isso, Maingueneau (2008) expõe a necessidade de considerar os componentes semânticos do discurso e a relação do discurso Outro está presente no Mesmo.

No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso.

Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É o que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade (MAINGUENEAU, 2008, p.39)

O discurso Outro acontece, portanto, como um processo de tradução de diversos discursos já existentes, isto é, um discurso só é considerado machista, por exemplo, pois existe um discurso antimachista que interpreta tais elementos de forma negativa, mas ambos os discursos se constituem a partir do mesmo núcleo, estão dentro um do outro e o que os diferenciam é a tradução diante de um contexto. Assim, o discurso Outro se constitui como um vestígio de tantos outros discursos e suas ideologias e é a relação do Mesmo com o Outro que orienta a constituição do dizer. Desse modo, não há como adentrar nos discursos sem levar em conta o interdiscurso. Existe uma relação interdiscursiva em qualquer discurso e o Outro existe inclusive no que não é dito. Não é possível separar o discurso Outro, visto que ele faz parte da construção do enunciado.

Compreender o interdiscurso exige a observação das relações sociais e históricas que acompanham as formações discursivas e estabelecem determinados lugares para cada uma delas. Os discursos não são traduzidos do mesmo modo na sociedade e, para reconhecer os limites entre eles, Maingueneau (2008) apresenta uma topia discursiva que define um limiar ao dividir os discursos entre atópico, tópico e paratópico.

Os discursos considerados paratópicos são aqueles que constroem um sentido para a vida e para o mundo a partir de si mesmos. Ou seja, não necessitam recorrer a outros discursos para dar legitimidade ao que produzem. O discurso literário, o religioso e o científico e filosófico são os quatro discursos paratópicos postulados por Maingueneau (2008), visto que atravessam praticamente todos os demais discursos, não precisando de uma formação específica.

Já os discursos que não aceitos socialmente são os atópicos, eles precisam se incorporar a outros discursos já legitimados para se manter circulando na sociedade. É o caso dos discursos machistas, da violência, racista entre outros, estes não são capazes de

existir por si só, pois nenhum indivíduo se diz machista ou violento, isso é camuflado a qualquer outro discurso para que assim possa ser legítimo.

Apesar da distância entre os discursos atópicos e paratópicos, ambos fazem parte do mesmo universo discursivo, mas o encontro só acontece por meio dos discursos tópicos, os quais já possuem um papel legitimado e conhecido devido sua recorrência, como o discurso midiático, o acadêmico, o político etc. É nele que o discurso atópico se manifesta, enquanto o discurso paratópico é retomado para garantir a legitimidade do enunciado. Os limites entre eles são muitos sutis, os discursos se atravessam a todo instante sendo impossível de separá-los de forma definitiva, por isso, preferimos utilizar o termo limiar ao analisar essas fronteiras.

### **3.1 Discurso do riso**

O riso é uma condição social, ele só acontece a partir de uma relação humana, com a qual se constroem padrões, e aquilo que não procede como convencionalizado, torna-se risível. A partir disso, nosso trabalho busca analisar como o discurso do riso se constitui na sociedade, para problematizar essa questão, recorreremos a Henri Bergson (2007) e Vladimir Propp (1992).

Bergson (2001), problematiza que a comicidade é a rigidez e o riso é seu castigo. Entende-se, aqui, a comicidade como tudo aquilo que suscita o riso. Enquanto o segundo, está ligado a ação de rir. A comicidade faz parte da dimensão situacional, ela surge da estranheza e evoca o riso que é sua materialização como uma ferramenta de correção e de aviso a inadequação. Desse modo, as situações, os gestos, as características e outros aspectos que desviarem das convenções terão um caráter cômico, e o instrumento para correção do desvio será o riso.

Ademais, existe uma função acerca do riso, as situações risíveis são aquelas que acontecem de forma distraída ou inconsciente em relação às práticas de um grupo. A saber, a inconsciência de uma personagem cômica se refere a uma falta de percepção em relação às exigências sociais, como se ela vivesse sem perceber a si mesmo e tampouco as reações do mundo a sua volta, despertando, assim, o riso. Este surge para destacar a incoerência da personagem com o ambiente.

Para Propp (1992) “riem as pessoas e o que é ridículo para elas”, o riso é como um vigilante, sua presença indica uma situação indevida para com o molde social, apontando o ridículo e/ou o inadequado. A vida demanda dos seres humanos uma elasticidade, a qual oferece condições de adaptação à sociedade. E quando as circunstâncias não ocorrem de modo flexível aos costumes, ela é reconhecida, despertando a comicidade e evocando o riso, o qual atua como uma repressão que avisa uma necessidade de ajuste. Ou seja, o riso tem a função social de flexibilizar a rigidez, visto que, o sujeito rígido é incapaz de adaptar-se ao meio e pertencer ao grupo.

Além disso, Bergson (2001) expõe que a comicidade aparece no que é mecânico, pois vimos que a vida é flexível, mutável, elástica, assim, os seres necessitam acompanhar esse movimento. Mas os hábitos e costumes levam ao homem a uma repetição, de si e do outro. Os gestos se repetem assim como máquinas, as atividades são realizadas automaticamente, e as pessoas se tornam objetos da rotina. Com isso, o riso, com a função de desengessar, avisa sobre rigidez presente na coisificação do homem, aceita e reproduzida por ele mesmo.

A mecanização efetua-se além das camadas sociais, ela se sucede da incapacidade de se desvincular das convenções. Seu enrijecimento se dá por meio do automatismo, já que este ocorre devido a uma falta de atenção em relação a si mesmo e a vida. A comicidade surge em ambos os casos devido a semelhança com o não vivo, logo, rígido, e, inconsciente. É risível o ser humano que não percebe a própria vida e os próprios atos, é o riso que vai evocar essa percepção.

A comicidade é esse lado da pessoa pelo qual ela se assemelha a uma coisa, aspectos dos acontecimentos humanos que, em virtude de sua rigidez de um tipo particular, imita o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim o movimento sem a vida. Exprime, portanto, uma perfeição individual ou coletiva que exige correção imediata. O riso é essa correção. O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos. (BERGSON, 2007, p. 65)

O autor defende que existe uma insensibilidade no riso, visto que seu fim é a correção de uma ação que não se enquadra na estrutura social. O ser humano percebe no mecânico algo desvinculado da vida, algo construído, com finitos movimentos. A ignorância humana em relação a esse automatismo constrói um quadro risível, uma vez que não se considera os aspectos motivadores para a mecanização da vida. Segundo Propp:

O riso é incompatível com uma grande e autêntica do mesmo modo, o riso torna-se impossível quando percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro. E se apesar disso alguém ri, sentimos indignação, esse riso atestaria a monstruosidade moral de quem ri. (PROPP, 1992, p. 36)

Assim, o cômico se instaura no vácuo entre a inteligência e a emotividade. Ou seja, em uma cena cômica o ato das personagens não é associado as suas características pessoais influenciadas por questões sociais. Caso houvesse essa associação, criaria uma relação com a história e, não causaria riso, mas sim, comoção. Não há espaço para o risível onde há o sensível, pois o primeiro tem como finalidade punir, envergonhar, humilhar para moldar a situação. Enquanto o segundo pode levar a compreensão, que faz com que a situação seja justificada dentro de um contexto mais amplo, causando desordem nos padrões.

Embora o riso se construa em condições impiedosas, as cenografias marcadas pela comicidade circulam, à princípio, de modo leve e desprezioso. O riso aparenta leveza, visto que causa um bem-estar a quem ri. Seu emprego acontece em momentos de ruptura da rotina, do automático, gerando um certo alívio para quem desfruta dele, especialmente porque estes passam a se perceberem em um lugar de privilégio ao possuírem uma noção que o alvo do riso não consegue ter. O poder de reconhecer e punir a distração ou rigidez sem estabelecer relação de fato, reverbera os moldes sociais proporcionando o sentimento de pertencer a um grupo, no caso, dos mais espertos.

### **3.2 Discurso midiático**

Nesta etapa iremos observar o discurso da mídia e como ele se configura e possibilita espaço para que o discurso do riso e outros discursos atópicos se manifestem. Os discursos atópicos são os quais não possuem um espaço legítimo na sociedade e



precisam atravessar um discurso tópico, nesse caso, o discurso midiático, para se constituir.

Patrick Charaudeau (2012), define o discurso midiático como uma ferramenta política, visto que a mídia pode ser usada para manipular a opinião pública conforme as demandas econômicas. Ou seja, o modo que as comunidades sociais são apresentadas pelas mídias diz respeito a interesses políticos e econômicos que determinam comportamentos padrões a serem seguidos. Para o alcance de um público cada vez maior é necessário, então, encontrar um ponto em comum entre os leitores, e os fatores políticos e econômicos abrangem as relações sociais, assim a realidade é definida com um interesse no lucro, fazendo da notícia um produto que precisa ser atraente e prático para o leitor, seu consumidor. Desse modo existe uma modificação da realidade social construindo e determinando um modo oportuno de traduzir o espaço público.

Se são um espelho as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2012, p.20)

Portanto, o discurso da mídia trabalha com o garantido, ele se molda a partir da repetição e representação ornamentada daquilo que já é socialmente aceito e estimula uma consolidação de uma ferramenta de manutenção para uma realidade que já é esperada. A partir disso, constrói-se uma relação de interdependência entre público e mídia no processo de reprodução de crenças e estereótipos, o qual ganha legitimidade quando comprado por um grande número de pessoas.

Com a mídia virtual esse processo de manutenção e reprodução dos cenários sociais acontece de forma ainda mais rápida. Redes sociais propõem a momentaneidade e rompimento da barreira espacial, influenciando as relações de leitura e escrita, assim, revistas, blogs, portais, e outros veículos online precisam acompanhar esse movimento, passando a produzir um conteúdo mais imediato e interativo para impulsionar os acessos através das redes sociais. Logo, os *memes* ganham espaço em matérias e publicações

*online*, uma vez que tratam de assuntos atuais de modo risível, muitas vezes sendo apresentado como uma espécie de fotojornalismo, tendo a predominância do visual em relação ao verbal.

O *meme* é construído intencionalmente para o riso a partir de montagem e/ou colagem de fotos, desenhos, legendas, gifs e outros. A comicidade nos *memes* costuma surgir de uma rápida associação com um contexto, por vezes bem específico, normalmente com uma forte marca de exagero e estereotipização.

Dessa forma, ocorre uma padronização e naturalização de papéis sociais de forma sutil e o discurso do riso nas mídias virtuais, sendo em *memes*, ou não, se apresenta como algo neutro apenas para entretenimento, sem o objetivo de informar nem convencer o leitor. Mas a neutralidade não é possível no discurso, visto que ele é produzido por um sujeito que ocupa determinado lugar na sociedade, não conseguindo ocupar dois lugares simultaneamente ou ocupar nenhum. Isto posto, compreende-se que a posição do sujeito revela uma formação discursiva a qual possui restrições semânticas que definem o modo de dizer e determinam um lugar de fala. No caso de jornais e revistas online, não existe um sujeito determinado e sim uma identidade que constitui a mídia em questão. Por isso, se faz necessário reconhecer a formação discursiva da mídia virtual que servirá de análise para este trabalho, e quais os possíveis sentidos adquiridos na produção do discurso do riso nesse contexto.

#### **4. Cenas enunciativas**

É fundamental, para analisarmos o corpus, compreendermos as cenas evocadas pelo texto e quais os efeitos de sentido revelados. Para isso, partiremos dos estudos desenvolvido por Maingueneau (2008). O autor identifica três cenas enunciativas: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante refere-se ao tipo de discurso, é ela quem situa o leitor em relação a função social que o texto exerce. São os discursos que podem abranger os demais, como o político, publicitário e literário. A cena genérica diz respeito aos gêneros do discurso, os quais definem posições a serem ocupadas. Para Cano (2012), “o gênero constrói para si uma cena genérica que impõe papéis já legitimados socialmente entre o enunciador e o co-enunciador.”

Já a cenografia atravessa os gêneros e os tipos de discursos e se apoia nas cenas validadas, as quais Maingueneau (2008) caracteriza como cenas estereotipadas recorrentes no cotidiano do leitor e facilmente reconhecidas, pois já fazem parte da memória coletiva. Segundo Cano (2012), “é a própria cenografia que legitima a sua existência como enunciado. É na sua progressão que o enunciado vai se legitimando na medida em que aciona um dispositivo de fala e, retroativamente, se valida.” E acrescenta que a cenografia “geralmente, coloca em segundo plano a cena genérica e faz com que o leitor seja enlaçado por uma outra cena”. A cenografia se respalda, para emergir, em cenas validadas, que remetem uma memória coletiva de situações legitimadas socialmente

Dessa forma, a cenografia aponta o lugar e o momento da enunciação, sendo possível somente por meio dela produzir a enunciação com a qual o leitor estabelece uma relação. Além disso, a relação dela com o gênero e tipo do texto indica os traços de constituição de uma identidade discursiva que possibilita reconhecer o posicionamento e/ou o escopo do texto.

#### **4.1 Estereótipos**

A definição dos papéis sociais de pais e mães nascem de um construto representativo acerca dos gêneros masculino e feminino, associados diretamente ao sexo biológico do sujeito. Goffman (2007), descreve os papéis sociais como uma atuação, a qual os indivíduos são pressionados a desenvolver, satisfazendo as expectativas sociais. O sujeito mãe, por exemplo, precisa atuar seu papel de responsável, protetora e regrada, visto que já existe um cenário pronto para tal atuação. E mesmo que de forma imperceptível, devido sua recorrência, a mulher é pressionada a reproduzir a cena. Compreende-se atuação uma ação ou acontecimento que ocorre dentro de um papel pré-estabelecido.

É por meio de uma fachada social, que o cenário é construído, e o sujeito, para realizar sua atuação, escolhe, inconscientemente, ou não, qual cenário considera mais adequado para exercer seu papel. A fachada limita os cenários e define os elementos padrões de um certo grupo, pois sua composição é consequência de um longo processo sócio-histórico. Já os cenários podem variar moderadamente devido às influências culturais.

Em relação a maternidade, a fachada construída apresenta elementos relacionados a feminilidade, preocupação, responsabilidade, altruísmo, e outros, com eles, os cenários, para a atuação do papel de mãe, são montados. E mesmo sendo possível diferentes combinações entre os elementos, os cenários formados carregam aspectos estabelecidos por um processo patriarcal em que o gênero feminino deve corresponder, preservando as atuais relações de poder.

Para que a atuação, seja, então, consistente o indivíduo precisa abranger ao máximo os aspectos oferecidos pela fachada e cenário, tanto em sua aparência, quanto em suas maneiras. Sendo a aparência uma imagem que vivifica uma associação com determinado grupo. E maneira, uma forma de agir dentro do cenário determinado. É possível que esses dois pontos não sejam compatíveis um com o outro, acarretando assim uma perda em relação ao papel ou funcionando como um informe de que o ator está presente do cenário inadequado. Ou seja, a aparência de um pai, remete a todos os estereótipos relacionados ao gênero masculino, assim se sua maneira informar ações cuidadosas ou sensíveis, ele será avisado, pelo riso, que aquela maneira não conversa com sua aparência, pois não é elemento daquele cenário.

O número de fachadas é extremamente limitado enquanto as possibilidades de atuação são infinitas. Nessas circunstâncias os estereótipos são fortalecidos, visto que existe uma exigência coletiva para que a maneira e aparência sejam congruentes e, também, para que os sujeitos atuem usando elementos de uma fachada pré-construída. Caso isso não aconteça ele não fará parte de um grupo, sendo motivo de riso devido a sua incapacidade de adaptação. Mesmo que o indivíduo assuma um papel ainda não estabelecido socialmente, alguns aspectos referentes a esse papel vão lhe determinar uma fachada, pois essas estruturas já estão prontas.

A mãe que assume um papel de provedora da casa, por exemplo, sai do cenário que lhe foi convencionado e acaba selecionando uma outra fachada em que estão presentes aspectos de iniciativa, desapego e racionalidade e outros, mas sua aparência continuará criando expectativas em relação ao cenário que ela deve atuar. A aparência, portanto, impede que a mulher-mãe escolha uma fachada que não é capaz de oferecer ferramentas para a construção do cenário materno. Quando a mulher opta por atuar com elementos de

diferentes cenários, os dois papéis, o de mãe e o de profissional, tem a credibilidade comprometida.

Sendo assim, encontram-se vários aspectos compulsórios que colaboram para a manutenção dos estereótipos na sociedade. A formação dos papéis sociais é consolidada por meio do discurso, o qual se constrói a partir de um conjunto de regularidades interdiscursivas. É importante observar que a enunciabilidade não é adicionada a Análise do Discurso, ela faz parte da própria construção do discurso, ao passo que a identidade do discurso se forma dentro de um lugar social a partir de uma relação constante entre enunciado e enunciação. O discurso do riso se apoia em uma formação discursiva, a qual possui um sistema de regras e restrições mantido historicamente e nesse espaço se constituem, também, as fachadas e os cenários. A partir disso busca-se observar a formação discursiva que fornece razão para que o *meme* atravessado pelo discurso do riso reproduza enunciados que reforçam alguns estereótipos sociais.

## 5. Metodologia

Para nosso trabalho optamos pelo seguinte processo de análise, iniciamos com um referencial teórico que apresenta a dimensão da Análise do Discurso e suas categorias para, posteriormente, embasar a discussão acerca do material coletado que será nosso *corpus* de análise. Este, por sua vez, se trata de uma matéria constituída por oito *memes*, que retrata, de forma cômica e de modo comparativo, a relação de pais e mães com seus filhos. Dado que o corpus é predominantemente visual, vale ressaltar que, segundo Maingueneau (2005), os textos imagéticos possuem os mesmos determinantes da linguagem verbal. Para o autor:

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa intersemiótica, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daqui que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas etc. (MAINGUENEAU, 2005, p. 145)

Portanto, nossa análise se configura a partir de uma “intercompreensão semiótica. Aplicaremos às imagens, as mesmas categorias de análise do discurso usadas para textos verbais.

A revista Pais&Filhos, que existe desde 1968, ganhou sua versão virtual em 2004 e hoje conta com uma plataforma que inclui um site, página no facebook, canal no youtube, perfil no instagram e outros. Embora o nome da revista seja Pais&filhos, o discurso que é construído é voltado para as mães. Diversos elementos linguísticos, verbais e não verbais, constituem um discurso em que o cuidado da criança é associado unicamente com a maternidade. A revista online se apresenta como uma marca *para a família, para a grávida, o grávido e para os pais de crianças até 12 anos*, mas logo em seguida o texto é direcionado apenas para as mães, *acreditamos na pluralidade e que não existe um único jeito de criar os filhos: você pode ser uma boa mãe se tiver parto normal ou cesárea, se tiver amamentado ou não(...) Lutamos pelo direito de você poder fazer suas próprias escolhas.*

O site da revista conta também com trinta colunistas de diferentes áreas da saúde, educação e da estética, sendo vinte e oito mulheres e dois homens. Além disso, a organização da página inicial indica quem é seu público alvo. As chamadas são produzidas a partir de um discurso em que a mulher é a responsável pelos cuidados dos filhos e da casa, enquanto o homem não costuma ser mencionado ou representado nos textos. As notícias que circulam as chamadas principais também se referem majoritariamente as mães. Abaixo, dois *prints* da tela inicial do site em diferentes dias que demonstram como a revista se organiza visualmente de modo que evoca uma identidade discursiva.

**Mãe dá 12 dicas de ouro para deixar a casa mais organizada**  
Após ler o livro de Marie Kondo, ela compartilhou tudo o que aprendeu

**CALCULADORA DE FRALDAS**

**MAGALLU**  
**FRETE GRÁTIS\***  
+  
Compre online e retire na loja  
\*Confira regras  
**CONFIRA >**

**CRIANÇA**  
Saiba quais são os benefícios do abacate para a saúde do seu filho

**REVISTA DIGITAL**  
É assinante de nossa revista digital? Clique e acesse o conteúdo em seus dispositivos.

**SEJA UMA MÃE EMPREENDEDORA**  
Venda as coisinhas que o seu filho não usa mais. Troque experiências e compra de forma consciente promovendo o consumo circular.

**05/19**

(Fonte: Revista online Pais&filhos. Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br>> Acesso em: 6 de maio de 2019.)

**Sabia que durante a amamentação você libera o hormônio do amor?**  
Luana Piovani fala sobre a cirurgia do filho: "Tô aqui olhando pra ele aos prantos"

**Cores, som e streaming incríveis em notebooks com processador Intel® Core™ i7.**

**REVISTA DIGITAL**  
É assinante de nossa revista digital? Clique e acesse o conteúdo em seus dispositivos.

**Leia também**

**ASSINE PAIS&FILHOS**

(Fonte: Revista online Pais&filhos. Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br>> Acesso em: 11 de setembro de 2018.)

A primeira imagem apresenta uma matéria que uma mãe oferece dicas de organização, reproduzindo a imagem da mulher, já existente no imaginário coletivo, como responsável pela casa e encarregada de tomar conta de todos os pertences dos filhos. Além disso, a propaganda, do lado direito da tela, mostra a capa da revista impressa com uma foto de mãe e filho, sem aparecer o pai. A segunda imagem mantém-se no mesmo

sentido e o título da matéria principal é uma pergunta dirigida a quem amamenta, a mãe. A foto dessa matéria também apresenta apenas a mãe e a criança. Logo embaixo, há uma matéria da mãe Luana Piovani relatando a preocupação em relação a cirurgia do filho, salientando a imagem da mulher-mãe como protetora e sensível. Já propaganda da revista impressa, nesse caso, inclui o pai, ele parece estar brincando com o filho e a mãe está ao lado sorrindo, mas a faixa escrito “assine” impede de enxergar o rosto do pai, deixando a mostra apenas os braços para cima.

As imagens, portanto, sustentam a identidade da revista, “as representações são moldadas e modificadas para se ajustar a compreensão e as expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 2007, p.26). A mídia virtual se molda a partir dessas representações estereotípicas que já são esperadas pelo leitor, com isso tem seu discurso comprado e validado. A partir disso, observamos que a construção da revista Pais&filhos revela um caminho sócio-histórico cultural para que haja um espaço possível para tratar as relações familiares a partir de uma perspectiva de gênero e maternidade estereotipada que determina uma fachada para mães e uma para pais. Desse modo, pretendemos percorrer esse caminho para compreender como esse discurso se legitima ainda hoje.

## **6. Condições sócio-históricas de produção**

### **6.1 Gênero e Maternidade**

Dentro do nosso *corpus* de análise, percebemos que em todas imagens presentes na matéria selecionada a mulher-mãe é representada a partir aspectos de delicadeza, ternura, cautela e outros. Isto posto, decidimos buscar historicamente como a fachada da mulher e o cenário da maternidade se constitui e sustenta até hoje um discurso ligado a elementos estereotípicos em relação aos papéis de gênero.

Quando se trata de maternidade é preciso pensar em um sujeito que antes de atuar como mãe, atua como mulher, performando um gênero que carrega elementos que possibilitam a noção de maternidade atual. Isto é, para entender a construção do papel de mãe é necessário analisar a construção social do gênero feminino e conseqüentemente do gênero masculino, visto que as fachadas sociais se constituem a partir dessa binariedade.



Somos obrigados, com nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à idéia de natureza que foi estabelecida para nós... ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais (WITTIG, apud. BUTLER, 2003, p. 168)

Assim sendo, a representação dos papéis de gênero organiza espaços políticos estabelecidos por meio de um processo histórico que sustenta aspectos patriarcais. Ser mulher ou ser homem não se trata de algo biológico, e sim de reproduzir modelos sociais impostos, os quais são previamente construídos tanto na aparência quanto na atuação. Esses modelos mantêm as relações de poder já existentes e asseguram um controle sobre os corpos.

Wittig apud. Butler (2003) aponta que “o que é aceito como “instinto materno” pode bem ser um desejo culturalmente construído”. A maternidade parte dessa problemática do “instinto materno” como uma forma de controle, com a ideia de que o corpo que gera um ser é automaticamente preparado para tudo que vier em relação às demandas desse mesmo ser, a criança. A mulher é a responsável pelo âmbito privado inclusive em relação ao homem que por “não possuir esse instinto” domina a esfera pública que é onde o poder e o controle está. Nesse sentido, Badinter (1985) esclarece:

É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. (BADINTER, 1985, p.25)

O papel da mulher-mãe está, então, diretamente atrelado aos valores da sociedade, os quais se modificam conforme a necessidade e interesse do poder. Bandinter (1985) explica que durante o século XVII e XVIII, por exemplo, a infância não tinha valor, o índice de mortalidade infantil era alto e a igreja, sob a ótica de Santo Agostinho, considerava as crianças como fruto do pecado. Ainda recém-nascidos os filhos eram

deixados com as amas de leite, e caso sobrevivessem, o que era raro, só voltavam para casa dos pais a partir dos cinco anos. Pedagogos recomendavam aos pais a frieza para com as crianças. E é somente no fim do século XVIII que inicia a exaltação em relação a maternidade.

Veremos que se tornará necessário, no final do século XVIII, lançar mão de muitos argumentos para convocar a mãe para sua atividade "instintiva". Será preciso apelar ao seu senso do dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritícia e maternante, dita natural e espontânea. (BANDINTER, 1985, p.143)

Assim, a mãe se torna o foco para salvação das crianças, ela é incentivada e até pressionada para a afetividade com seus filhos, visto que, segundo Badinter (1985), o objetivo era “produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado” e para isso precisavam que as crianças sobrevivessem e a esperança estava na amamentação. A influência da igreja também é significativa para o momento, visto que a pureza de Maria e sua importância como mãe de Jesus é realçada e, as palavras “amor” e “materno” passam a constituir traços sinonímicos, reforçados em diferentes esferas sociais.

Desse modo, é possível perceber elementos desenvolvidos há mais de dois séculos que se incorporam nos discursos atuais, visto que atende aos mecanismos de poder. Maternar ainda é um papel imposto para mulher, pois independente do ser mãe no sentido biológico, a mulher-mãe no sentido social será responsável pelo cuidado, proteção e atenção com os demais. Enquanto o homem irá ocupar um lugar reconhecido, mas não necessariamente melhor, já que também é imposto a ele como deve ou não performar e caso as performances não ocorram como esperado o riso é o responsável por avisar.

## **7. Análise**

Acompanhamos a revista Pais&filhos desde do início de 2015 e notamos que as matérias eram majoritariamente voltadas para as mães, reforçando o estereótipo de cuidado e atenção. Além disso, identificamos que o discurso do riso contribuía com esse estereótipo e após verificarmos um padrão nas matérias cômicas, selecionamos de modo aleatório uma delas para desenvolvermos a análise. Assim, nesta etapa, faremos a análise de oito imagens em memes apresentados em uma matéria da revista online Pais&Filhos,

com o seguinte título: *Fotos mostram os diferentes comportamentos das mães e pais quando estão com os filhos*. A matéria foi publicada em 2015 na editorial família do site da revista. (Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comportamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Além disso, a matéria também foi compartilhada na página do facebook da revista, que possui mais de três milhões de seguidores. Até abril deste ano a publicação recebeu mais 2,6 mil curtidas, 317 compartilhamentos e 90 comentários.

Antes das imagens há uma pequena descrição: *“Uma galeria de fotos que está bombando na internet mostra a diferença de comportamento entre mães e pais em diferentes situações com os filhos. As situações, obviamente, não podem ser generalizadas, mas dá para a gente ter uma ideia do que acontece em cada lado”* A publicação acontece em um espaço de orientação e o leitor acessa a revista Pais&filhos buscando instruções e dicas sobre a criação de criança. As imagens em um primeiro momento podem fazer com que o sujeito acredite estar sendo orientado, mas isso logo é reorganizado para uma cenografia que provoca o riso. Ou seja, a orientação se torna um retrato determinante em relação ao gênero do sujeito, os memes se apoiam em cenas validadas em que mães são cuidadosas, logo, sabem como criar os filhos e pais são sujeitos distraídos, pois mesmo quando tentam, não são capazes de serem responsáveis por crianças.

A seguir apontaremos os diferentes comportamentos existentes nas imagens segundo a descrição do próprio site. A partir disso, faremos uma análise exploratória da matéria por meio de recortes, optamos por esse termo, visto que na Análise do Discurso considera que a seleção de um material não é algo estanque, mas sim um recorte de um discurso. Pretendemos salientar a relação interdiscursiva entre o discurso da mídia e o discurso do riso para compreender como estes se relacionam também com o discurso da maternidade e estereótipo. Ademais, analisaremos como a comicidade é construída em relação a esses comportamentos e qual o contexto de produção para que o riso se manifeste através da cenografia estruturada pelo discurso midiático.

## Recorte 1.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-disferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Na foto à esquerda, a mulher aparenta concentração e seriedade enquanto direciona a filha, aparentemente tranquila, andando de bicicleta. A aparência calma da criança corrobora com a imagem da mãe como sujeito responsável. Além disso, a criança está usando capacete, o que demonstra uma preocupação da mãe com a segurança da filha. Já na imagem da esquerda, o pai é quem está andando em uma bicicleta infantil e não há nenhum equipamento de segurança. Existe uma inversão dos papéis, visto que quem está brincando é o homem, enquanto a criança corre atrás do seu responsável possivelmente tentando segura-lo. O homem então é representado como o sujeito que prioriza sua própria diversão, sem se atentar ao filho, logo, revela-se a cenografia de meme e a comicidade se instaura como um aviso que o pai está atuando em cenário que não é dele.

## Recorte 2.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comportamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Ambas as fotos não mostram o responsável pelas crianças, a legenda direciona o leitor para que a cena seja associada com a mãe e com o pai, respectivamente, ou seja, a leitura é direcionada para que exista a associação das imagens com o estereótipo materno e o estereótipo paterno, já que o responsável está “por trás das câmeras”. A primeira foto sem a legenda remete a um ensaio fotográfico, no qual a criança é vestida de chef de cozinha, com roupas limpas e os alimentos fazem parte do cenário planejado. Ela é legendada com *mama*, devido a fachada estabelecida para a maternidade, vinculada ao comportamento supostamente materno, ou seja, mães se preocupariam em destacar a criança com roupas e acessórios em um ambiente bonito e organizado, logo essa é a foto tirada pela mãe.

Na segunda foto, o destaque não é a criança em si, mas o desastre na cozinha, visto que o responsável pela ordem da casa e da criança não está cumprindo o papel esperado. A cena se justifica com a legenda “papa”, estabelecendo assim o risível, pois quando é associada com a paternidade o desastre passa a ser compreensível, e o leitor ri para avisar o que o pai, distraído, ainda não percebeu, já que o papel de cuidar da casa e da criança não pertence ao homem.

### Recorte 3.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Na imagem, existe a comparação de duas fotos tiradas possivelmente em um parque. Na primeira, a criança está com a mãe, elas aparentam tranquilidade e felicidade. Além disso a responsável também está segurando a criança para que ela não caia, a cena é iluminada e reforça uma relação afetuosa, já esperada entre mãe e filha. A segunda imagem o responsável, mais uma vez, não aparece e, é a legenda que define, provavelmente devido à bagunça, com quem a criança está, nesse caso, com o pai. A criança está suja de lama da cabeça aos pés e sua fisionomia não é de alegria e diversão, ela parece estar descontente com a situação e a ausência do pai indica que é ele quem tira a foto, sem se importar com a situação da criança, pois possivelmente considera a cena cômica e divertida para ser registrada. Mais uma vez o pai aparece na cenografia como um sujeito rígido, incapaz de perceber o contexto inadequado que ele se encontra.

#### Recorte 4.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamontos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

A tarefa de alimentar as crianças é a tarefa destacada neste meme. Na foto da esquerda, com a mulher, a criança está sorrindo enquanto é alimentada. Estão sendo usados acessórios adequados para o momento da refeição como o babador, a cadeira e a colher combinando com o fundo. Além disso, a foto traz elementos coloridos e as duas estão olhando atentas uma para outra dentro de um ambiente familiar. Mais uma vez a cena é iluminada e a mãe sorri durante a realização da tarefa. A cena construída é de carinho, bem-estar e afeto. À direita, a foto com o homem, conduz ao leitor ao mesmo tema apresentado na primeira foto, logo espera-se que a segunda criança seja alimentada assim como a primeira, pois seria a forma correta. Mas o pai, comparado a mãe, parece não perceber a necessidade do filho, pois ele olha para outro lugar enquanto o bebê suga seu dedo como o movimento feito durante a amamentação. O homem está com a criança em um ambiente externo e suas vestimentas são folgadas, contribuindo assim, para a construção da cenografia meme onde o personagem despreocupado e desatento que sai de casa despreparado para cuidar de uma criança é o objeto que evoca o riso.

## Recorte 5.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

As fotos são tiradas em um parque de diversão e nas duas as crianças estão com equipamentos de segurança dos brinquedos e diferentemente dos demais memes apresentados, nesse caso, tanto a mulher, à esquerda, quanto o homem, à direita, estão com uma fisionomia feliz e nenhum deles está olhando para a criança. Com isso, o que diferencia e constrói o risível na imagem são as expressões faciais das crianças somada ao diferente estereótipo de gênero aplicado a mãe e ao pai. A criança da primeira foto está sorrindo e sua mão direita está levantada, o que demonstra que ela está sentindo-se segura com mãe. Mãe e filha olham para o mesmo lugar, como se tivessem em sintonia. Ademais, as vestimentas e o balanço aparecem como ferramentas de leveza e delicadeza para o cenário maternal, visto que mãe e filha estão com vestidos coloridos que combinam, cabelos presos e ao fundo um céu azul. Enquanto na segunda foto a fisionomia da criança é de medo e tensão em uma cena não tão “bonita” e, o homem, mais uma vez, aparenta não perceber a necessidade da criança, está olhando para outro ponto como quem se concentra apenas em sua própria diversão.



Recorte 6.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Todo ambiente social possui regras já estabelecidas sejam elas implícitas ou explícitas e em um zoológico, o comportamento esperado é reproduzido na primeira foto da figura, em que a mulher segura a criança com cuidado e direciona seu filho para alimentar o elefante de forma adequada. Semelhantemente, na segunda imagem, o pai também segura a criança para alimentar um animal no zoológico, mas o modo que o faz é inadequado para o ambiente, pois a criança está de cabeça para baixo dentro do espaço feito para o animal. A foto apresenta um sujeito que apesar de querer ajudar a criança na interação com o animal, parece não perceber os riscos que a situação apresenta e sua inadequação ao ambiente. Então, o riso aparece para avisar que o homem não está no seu devido lugar, pois a fachada paterna não possui elementos que são capazes de sustentar a atuação de um pai em um cenário em que o cuidado e a atenção estão presentes.

## Recorte 7.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtammentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Nesta imagem o cenário é o ambiente familiar. Na primeira foto, a mãe lê para duas crianças, que se mostram atentas ao livro infantil, ambas estão se apoiando na mãe que está com as pernas cruzadas, postura muito associada socialmente a seriedade e a feminilidade. A foto apresenta ferramentas variadas que contribuem com a manutenção o estereótipo da mulher mãe, o ambiente aparenta sossego e a cena é ideal. E em contraste com a segunda foto as qualidades esperadas da mulher são ressaltadas. Pois na foto da direita o homem está jogando vídeo-game dentro de uma bacia enquanto os três filhos seguram diferentes objetos, sendo o primeiro uma cerveja, bebida historicamente associada ao gênero masculino por meio da mídia. O segundo objeto é uma toalha e o último não foi possível identificar. Todos esses elementos da fotografia constituem uma cena em que os estereótipos do gênero masculino são salientados, sustentando a fachada em que homens são irresponsáveis no cuidado com as crianças e se importam si mesmos consequentemente define a fachada, e o cenário, também das mulheres mães, em que o papel assumido deve vir com a habilidade e a responsabilidade para com as crianças, pensando no bem-estar geral da casa.

## Recorte 8.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamntos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

A imagem suscita mais uma tarefa diária comum no ambiente parental e, o banho das crianças é apresentado de formas diferentes na primeira e na segunda foto. À esquerda a mãe sorri enquanto banha o bebê, o contato físico e visual também é eminente. A banheira com imagens coloridas contribui para a organização do cenário exemplar. Na foto da direita o que predomina é a descontração, a criança que não tem barba está, assim como o pai, com espuma de barbear no rosto, ambos sorrindo. Além disso, o enquadramento da foto é de Selfie, logo o pai é quem tira a foto por provavelmente considerar a cena interessante de ser registrada devido a comicidade. Desse modo, constrói-se um cenário em que o homem parece mais preocupado com a diversão e a exposição do que com o banho do filho.

Todas as imagens anteriores estabelecem uma mesma situação a ser comparada. As fotos com a legenda “mama” são em todos os casos o exemplo a ser seguido para criação e cuidado. Inclusive a qualidade das imagens é superior, parecem terem sido tiradas de um comercial, retratam mulheres e crianças felizes, bem arrumadas, em um contexto ideal de conexão e afetividade. Enquanto as imagens à direita apresentam crianças com a fisionomia, séria, assustada ou até mesmo não mostram os rostos das crianças, enquanto os homens responsáveis estão distraídos e/ou automatizados.

A cenografia das imagens é típica do gênero *meme*, visto que provoca o riso a partir de uma montagem com fotos aleatórias e constrói uma cena cômica respaldada em cenas já validadas. Isto é, a montagem das duas fotos legendadas, papa e mama, é construída para provocar o riso. Ademais, isoladamente as imagens não causam o mesmo efeito, mesmo que com a legenda, não causam o mesmo efeito. Existe uma relação entre elas que direciona a leitura e evoca a cenografia que o presente trabalho busca penetrar para compreender como o riso se constitui.

A escolha de fotos “perfeitas” para retratar as mães faz parte do processo de manutenção dos estereótipos, a mulher mãe precisa ser enaltecida como a única capaz e com o conhecimento necessário para os cuidados dos filhos e da casa. As fotos das esquerdas aparecem como um exemplo a ser seguido, enquanto as da direita são sujeitos falhando ao tentar seguir as mães, construindo a ideia de que elas são as únicas que sabem fazer isso, devido ao seu gênero mulher. Dessa forma, os estereótipos e papéis sociais se mantêm funcionando da mesma maneira em que os homens não sabem ou não conseguem assumir a responsabilidade de seus filhos.

O sentido dos memes se estrutura, portanto, em um processo interdiscursivo em que vários discursos que vão sendo produzidos simultaneamente, nesse caso, o discurso do riso se apoia no discurso da maternidade, no discurso machista, no discurso de estereotipo e no discurso de gênero. Todos esses discursos atravessam o discurso midiático que estabelece um sentido a partir das necessidades de manutenção social, assim, o discurso do riso ganha legitimidade, visto que cumpre o que é exigido pelo discurso das mídias, em que às expectativas do leitor em relação aos padrões sociais sejam correspondidas de modo que ele continue comprando e consumindo determinadas orientações.

## **8. Considerações finais**

Entender o discurso do riso como uma ferramenta punitiva é uma questão um tanto quanto polêmica, visto que a comicidade costuma ser traduzida como algo positivo na sociedade. As cenografias marcadas pelo riso aparecem em espaços de descontração e bom humor e de forma sutil a comicidade se constrói para desautomatizar a rotina. As discussões nessa pesquisa mostram que no processo de desautomatização não há espaço para sensibilidade, o riso aponta a rigidez do sujeito com um erro por não se adaptar aos

moldes sociais já estabelecidos e comprova que uma falha do aconteceu devido à distração em não perceber que a fachada em que se encontra não é a adequada. Nesse sentido, buscamos verificar a relação interdiscursiva que o discurso do riso estabelece com o discurso midiático, pois o primeiro se constituiu como um discurso atópico que para ser validado precisa atravessar um discurso legitimado. Além disso, identificamos os elementos que possibilitam o que o discurso midiático sustente o discurso riso, por meio de um processo sócio-histórico em que os papéis sociais são estabelecidos.

Observamos a revista *online* Pais&filhos e averiguamos, com nosso percurso metodológico, que apesar de a revista se apresentar como um espaço de orientação para pais e mães, as cenas enunciativas evocadas pela revista são majoritariamente construídas com aspectos associados ao feminino. A partir disso, os efeitos de sentidos revelados na nossa análise se relacionam com a identidade construída pelo site em que a maternidade é apresentada através da fachada determinada para as mulheres.

Foi possível constatar com nossa análise, que os memes, ao compararem pais e mães em tarefas de cuidados com os filhos, colaboram com o enrijecimento dos estereótipos construídos para o gênero feminino em que a mulher-mãe é idealizada como única que possui capacitação para a criação dos filhos e por isso as tarefas devem ser atribuídas a ela. Além disso a mãe é representada como o exemplo a ser seguido, enquanto o pai é ridicularizado por tentar atuar em um cenário que não foi feito para ele. Notamos, portanto, o discurso do riso evidencia a ação do pai como um erro e avisa homens e mulheres que a reponsabilidade para com os filhos não faz parte da fachada construída para o gênero masculino.

Em suma, pode-se concluir que o discurso do riso é uma poderosa ferramenta de manutenção dos papéis sociais e em sua relação interdiscursiva com o discurso midiático sua existência é consolidada, ou seja, é através do discurso da mídia que o discurso atópico do riso é validado. Com essa pesquisa, foi possível analisar como essa relação acontece nos *memes* sobre parentalidade, considerando as condições de produção construídas sócio-historicamente e possibilitando uma leitura crítica em relação a mídia e as representações de gênero que circulam na sociedade.

## **9. Referências**

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comicidade**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANO, M. R. de O. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. São Paulo: PUC-SP, 2012. 185 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14ª ed., Petrópolis, Vozes. 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.